

A fundamentação da psicologia científica

Série Clássicos da Psicologia

Coordenador: Saulo de Freitas Araujo

A série *Clássicos da Psicologia* tem como objetivo principal trazer para o público lusófono traduções contemporâneas de autores clássicos da tradição psicológica, cujos textos, embora sejam fundamentais para o desenvolvimento histórico da psicologia científica, encontram-se em grande parte ainda sem tradução direta para a língua portuguesa. Cada volume é dedicado a um autor e composto de um ou mais textos de sua autoria, os quais ilustram a ideia central do projeto psicológico em questão. Todas as traduções são feitas a partir do texto original (latim, alemão, inglês, francês, russo etc.). Dessa forma, discentes, docentes e todos os interessados em compreender as várias facetas da psicologia contemporânea poderão travar contato com uma rica tradição de autores que lançaram as bases teóricas e metodológicas para o pensamento psicológico atual.

Wilhelm Wundt

A fundamentação da psicologia científica

Organização, tradução, introdução e
notas de Saulo de Freitas Araujo



Copyright versão original © 1900 e 1911 Verlag von Wilhelm Engelmann, Leipzig
Títulos originais: *Über die Definition der Psychologie* (1911) e *Einleitung* (1900)
Copyright da tradução: © 2018 Editora Hogrefe CETEPP, São Paulo

Editora: Cristiana Negrão
Capa e diagramação: Claudio Braghini Junior
Preparação: Patricia Almeida
Revisão: Joana Figueiredo e Eugênia Pessotti

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W962f	
Wundt, Wilhelm, 1830-1920	
A fundamentação da psicologia científica / Wilhelm Wundt ; organização, tradução, introdução e notas Saulo de Freitas Araujo. - 1. ed. - São Paulo : Hogrefe, 2018.	
: il.	
Tradução de: <i>Über die Definition der Psychologie</i> (1911) e <i>Einleitung</i> (1900)	
Inclui bibliografia e índice	
ISBN 978-85-85439-70-5	
1. Psicologia - Filosofia. I. Araujo, Saulo Freitas. II. Título.	
	CDD: 150.9
18-50335	CDU: 159.9

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Hogrefe CETEPP
R. Comendador Norberto Jorge, 30
Brooklin, São Paulo – SP, Brasil
CEP: 04602-020
Tel.: +55 11 5543-4592
www.hogrefe.com.br

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito.

ISBN: 978-85-85439-70-5
Impresso no Brasil

Sumário

Introdução	7
Dados biográficos	8
O projeto wundtiano de uma psicologia científica	12
Os textos	18
Sobre a tradução	19
Cronologia	23
I. Sobre a definição da psicologia (1911)	27
1. Definições conceituais mais antigas	27
2. As principais orientações da nova psicologia	35
3. A psicologia como área aplicada da fisiologia	38
4. A meta autônoma da psicologia	48
5. As três concepções do paralelismo psicofísico	54
6. A teoria da atualidade	61
7. O voluntarismo	73
Notas do tradutor	84
II. Introdução [à psicologia dos povos] (1900)	101
1. Conceito e meta da psicologia dos povos.....	101
2. Espírito coletivo e mente coletiva.....	106
3. O desenvolvimento histórico da psicologia dos povos.....	113
4. As principais áreas da psicologia dos povos.....	124
Notas do tradutor	128
Glossário.....	137
Índice.....	139

Introdução

Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) foi um dos mais importantes personagens da cultura alemã na segunda metade do século XIX e no início do século XX. Sua vasta obra se estende para além das fronteiras da psicologia, abarcando vários domínios do conhecimento científico de sua época, como a fisiologia, a história, a linguística, a etnologia, a sociologia e, sobretudo, a filosofia. Não por acaso, foi chamado, por alguns de seus contemporâneos, de “o Leibniz do século XIX”.*

Em que pese todo seu prestígio e fama durante a vida, suas ideias caíram rapidamente no esquecimento após sua morte. Contribuíram para isso, sobretudo, as transformações políticas, sociais e culturais da Europa, oriundas das duas Guerras Mundiais, e a falta de tradução de seus principais escritos para outras línguas. Aliada a esses fatores, pode-se notar também a contribuição negativa de seus estudantes estrangeiros, que, ao retornarem a seus países de origem, ajudaram – de forma deliberada ou não – a construir uma caricatura do mestre, baseada na imagem unilateral da psicologia experimental. É essa imagem distorcida de Wundt que ainda habita grande parte dos livros de psicologia em todo o mundo, apesar de esforços recentes para reverter esse quadro.**

O objetivo desta breve introdução é apresentar um Wundt um pouco diferente, trazendo alguns dados biográficos relevantes para a compreensão de sua vasta obra e inserindo o seu projeto de psico-

* Eisler, R. (1902). *W. Wundts Philosophie und Psychologie* (pp. 21-22). Leipzig: Barth.

** Para uma exposição dos problemas de interpretação da obra de Wundt, ver Araujo, S. F. (2016). *Wundt and the philosophical foundations of psychology: A reappraisal*. New York: Springer.

logia em um contexto mais amplo, sobretudo no que diz respeito ao diálogo com a filosofia.

Dados biográficos

Wundt nasceu no dia 16 de agosto de 1832 em Neckarau, na periferia de Mannheim, hoje pertencente ao estado de Baden-Württemberg (sudoeste da Alemanha). Seu pai, Maximilian Wundt (1787-1846), era um pastor protestante; e sua mãe, Marie Friederike Wundt (1797-1868), vinha de uma família de cientistas e pessoas influentes. Muito pouco acerca da infância de Wundt é conhecido; em sua autobiografia,^{*} ele diz ter sido uma criança solitária e imersa em suas próprias fantasias. Sua educação inicial ficou a cargo de um tutor, que era assistente de seu pai. Aos 13 anos, mudou-se para Heidelberg, onde frequentou o ginásio. Ao fim desse período, escolheu a carreira de medicina. Em 1851, matriculou-se na Universidade de Tübingen, onde seu tio, Friedrich Arnold (1803-1890), era professor de anatomia e fisiologia. Após o primeiro ano em Tübingen, Wundt retornou a Heidelberg, acompanhando a transferência do tio para a Faculdade de Medicina da universidade dessa cidade. Matriculou-se então na Universidade de Heidelberg, vindo a terminar seu curso em 1855.

Foi ainda na graduação, em Heidelberg, que Wundt entrou em contato com os experimentos psicofisiológicos desenvolvidos no laboratório de seu tio Arnold.^{**} Certamente, esses experimentos representam uma fonte valiosa para compreendermos o interesse de Wundt pela psicologia, embora eles estejam ausentes de sua autobiografia e tenham escapado à atenção de seus biógrafos.

* Wundt, W. (1920). *Erlebtes und Erkanntes*. Stuttgart: Kröner.

** Arnold, F. (1858). *Die physiologische Anstalt der Universität Heidelberg von 1853-1858*. Heidelberg: J. C. B. Mohr.

Ainda em 1855, após a sua graduação, Wundt tornou-se assistente de seu ex-professor Karl Ewald Hasse (1810-1902) na Clínica Médica de Heidelberg, onde teve contato com pacientes que apresentavam distúrbios táteis causados por paralisia muscular. O próprio Wundt afirma em sua biografia que essas experiências no campo da percepção tátil levaram-no da fisiologia à psicologia.

Em 1856, após obter seu doutorado, Wundt fez um estágio pós-doutoral na Universidade de Berlim, onde estudou com Johannes Müller (1801-1858) e Emil du Bois-Reymond (1818-1896), dois dos maiores nomes da fisiologia da época. De volta a Heidelberg, obteve sua *Habilitation*,* no início de 1857, e passou a lecionar fisiologia, como *Privatdozent*,** na Faculdade de Medicina da universidade da cidade, ainda antes de completar 25 anos.

Um aspecto importante para compreendermos a relação de Wundt com a psicologia foi o período durante o qual ele, além de lecionar, serviu como assistente de Hermann von Helmholtz (1821-1894) na Universidade de Heidelberg. Entre 1858 e 1865, Wundt conduziu seus primeiros experimentos sistemáticos em psicologia fisiológica, especialmente em relação à percepção tátil e visual. Foi também nesse período que ele publicou seus dois primeiros livros de psicologia: *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung* (1862) e *Vorlesungen über die Menschen- und Thierseele* (1863). Nessas duas obras, encontra-se

* No sistema alemão, a *Habilitation* é o grau necessário, depois do doutorado, para que se possa lecionar em uma universidade. É o mais alto grau acadêmico que se pode obter – uma espécie de segundo doutorado –, e a condição necessária, embora não suficiente, para se alcançar uma cátedra nas universidades alemãs.

** A posição de *Privatdozent* representa o primeiro nível da carreira de ensino superior na Alemanha. Nesse nível, não há vínculo empregatício com a universidade e, na grande maioria dos casos, o docente recebe pouco ou nada pelas aulas. Trata-se, porém, de um passo necessário para as posições mais elevadas. Na época de Wundt, o mais alto posto era o de *ordentlicher Professor*, que ele ocupou tanto em Zurique quanto em Leipzig.

seu primeiro projeto de uma psicologia científica, que seria posteriormente abandonado.*

Após deixar o laboratório de Helmholtz, Wundt passou a se dedicar mais sistematicamente à filosofia, especialmente ao pensamento de Kant, o que resultou no seu primeiro ensaio filosófico: *Die physikalische Axiome und ihre Beziehungen zum Causalprinzip* (1866). Esse livro representa não só o ponto de partida para o desenvolvimento filosófico de Wundt, mas também a chave para compreendermos o abandono de seu primeiro projeto psicológico, como veremos adiante.

Após um breve flerte com a vida política, entre 1866 e 1868, período em que chegou a eleger-se como deputado estadual no Parlamento de Baden, Wundt reconheceu que era impossível exercer as duas carreiras simultaneamente e resolveu dedicar-se inteiramente à vida acadêmica, abrindo mão de seu mandato como deputado. Daí em diante, seu projeto intelectual começa a assumir contornos cada vez mais claros.

Em 1874, Wundt deixou Heidelberg para se tornar *Professor* de filosofia na Universidade de Zurique, e publicou o livro que o tornaria famoso em todo o mundo: *Grundzüge der physiologischen Psychologie* (1874). Essa obra, que ganharia seis edições até a morte de Wundt e expandir-se-ia de um para três grossos volumes, representa o início de seu novo projeto de uma psicologia experimental da consciência.

Mas Wundt só permaneceu em Zurique por um ano, pois já em 1875 ele foi contratado pela prestigiosa Universidade de Leipzig, onde ficou até se aposentar, em 1917, como professor de filosofia. Foi em Leipzig que Wundt ganhou fama mundial e atraiu estudantes do mundo todo. Nesse período, desenvolveu simultaneamente seu projeto psicológico e seu sistema filosófico, deixando evidente a relação entre eles.

* Isso será esclarecido na próxima seção.

A partir de 1875, Wundt insistiu na necessidade de se criar um laboratório de psicologia experimental com aparelhos e instalações adequados. Mas foi somente em 1879 que o projeto se concretizou e os trabalhos se oficializaram. A partir desse momento, o laboratório cresceu e começou a atrair estudantes de toda parte do mundo. Leipzig tornou-se, assim, o primeiro centro internacional de formação de psicólogos, ainda que tudo isso ocorresse dentro da Faculdade de Filosofia. Nessa época, ainda não havia curso de graduação em psicologia; o diploma era de filosofia, embora os estudantes interessados pudessem obter formação teórica e prática em psicologia experimental.*

Paralelamente, Wundt publicou, entre 1880 e 1889, a base do seu sistema de filosofia, que ele revisou e continuou ampliando até a sua morte. São longos tratados de lógica, metodologia, teoria do conhecimento, ética e metafísica. Infelizmente, a relação entre seu sistema filosófico e seu projeto psicológico tem sido ignorada por boa parte dos psicólogos, que veem Wundt apenas como o “pai” da psicologia experimental. Em várias passagens desses textos filosóficos, torna-se claro que o principal objetivo intelectual de Wundt era reformar a filosofia alemã, tendo em vista a relação desta com as ciências empíricas, em especial com a psicologia. Dessa forma, sua psicologia ganha outro sentido, como veremos na próxima seção.

Mas não é só o sistema filosófico de Wundt que tem sido deixado de lado. Também permanece desvalorizado e mal compreendido o seu projeto de uma psicologia não experimental, que ele chamou de psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*). Especialmente

* A história da relação entre psicologia e filosofia na Alemanha envolve uma complexa trama de fatores institucionais, políticos, socioculturais e intelectuais. A independência da psicologia só foi possível a partir de 1941, com a promulgação de uma lei ministerial que regulamentava a formação de um novo tipo de profissional: o psicólogo diplomado (*Diplom-Psychologe*). Ver Gundlach, H. (2012). A psicologia como ciência e como disciplina: o caso da Alemanha. In S. F. Araujo (Ed.), *História e filosofia da psicologia: Perspectivas contemporâneas* (pp. 133-165). Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF.

entre 1900 e 1920, os últimos 20 anos de sua vida, Wundt deu uma atenção especial a esse projeto, ao qual ele atribuiu um valor inestimável. Ao incluir a linguagem, a arte, os mitos, as religiões e os costumes como objetos da própria psicologia, ele abriu novos horizontes para a investigação psicológica, libertando-a dos limites da consciência individual.

Após 42 anos de intensa atividade de ensino e pesquisa na Universidade de Leipzig, Wundt veio finalmente a se aposentar, em 1917, com a saúde já bem debilitada. Mesmo assim, continuou escrevendo e preparando os últimos volumes de sua psicologia dos povos, assim como novas edições de obras antigas. Ele veio a falecer no dia 31 de agosto de 1920, pouco depois de terminar sua autobiografia e completar 88 anos.

O projeto wundtiano de uma psicologia científica

No intuito de oferecer uma contextualização geral para os textos aqui traduzidos, é importante esclarecer que o projeto de uma psicologia científica em Wundt é fruto de uma longa elaboração teórico-conceitual, que sofreu alterações até alcançar sua forma final. Em termos gerais, pode-se dizer que existem dois programas, separados por uma grande ruptura teórico-conceitual: o primeiro, elaborado entre 1858 e 1863, que tinha como eixo central a teoria lógica da mente e o conceito de inconsciente; o segundo, inaugurado a partir de 1874, no qual o inconsciente desaparece por completo do horizonte da psicologia.

O primeiro projeto está contido basicamente em dois livros, publicados quando Wundt ainda era *Privatdozent* em Heidelberg: *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung* (1862) e *Vorlesungen über die Menschen- und Thierseele* (1863). Nessas obras, Wundt procurou explicar todos os fenômenos mentais a partir de um núcleo teórico co-

num, que chamo de “teoria lógica da mente”.^{*} Essa teoria é composta de três teses: todo processo mental é um processo lógico (tese 1); existe uma vida mental que precede e determina a formação da consciência (tese 2); esses processos inconscientes são inferências lógicas (tese 3). Inicialmente, Wundt derivou essa teoria de seus estudos sobre a percepção tátil e visual, afirmando que o processo perceptivo em geral se revelava como “um grande processo *indutivo*”.^{**} Depois, generalizou-a para todos os processos mentais, como se pode ver na citação a seguir, em que ele explica como a mente é governada por um número pequeno de leis básicas:

Essas leis elementares são as leis fundamentais da lógica. Operando inconscientemente, elas formam a percepção a partir das sensações que surgem em sequência regular; desenvolvem a consciência a partir de uma série de percepções; dominam o mundo das representações; e, finalmente, constroem ideias e sistemas a partir de conceitos.^{***}

Após a publicação de suas *Vorlesungen*, Wundt empreendeu uma profunda reflexão sobre os fundamentos filosóficos do conhecimento científico em geral. Influenciado principalmente por Kant, chegou à conclusão de que o inconsciente era uma quimera conceitual: uma transposição de formas puramente lógicas do pensamento (nível lógico) para a realidade (nível ontológico), sem qualquer correspondência empírica direta – o mesmo tipo de ilusão lógica denunciado por Kant na *Crítica da razão pura*. Portanto, Wundt se viu obrigado a repensar toda a fundamentação do seu projeto psicológico inicial, e foi aos poucos abandonando cada uma das teses de sua teoria lógica da mente, até banir definitivamente o inconsciente da psicologia, rele-

* Para uma exposição mais detalhada sobre este e todos os outros pontos desta seção, remeto o leitor ao meu livro supracitado (Araujo, 2016).

** Wundt, W. (1862). *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung* (p. 439, grifo do autor). Leipzig/Heidelberg: C. F. Winter.

*** Wundt (1862), p. 450.

gando-o ao domínio da fisiologia. Em outras palavras, para o Wundt maduro, não existiria um inconsciente psicológico, como o leitor verá em *Über die Definition der Psychologie*.

Essas reflexões filosóficas, que se iniciaram por volta de 1864, levaram Wundt a conceber um amplo projeto de reforma da filosofia – explicitado primeiramente em seus dois discursos inaugurais (Zurique e Leipzig) –, que incluía um rearranjo da relação entre a atividade filosófica e a atividade científica. Em termos gerais, a tese de Wundt é a seguinte: a filosofia forneceria às ciências empíricas uma fundamentação lógica, gnosiológica e metodológica, ao passo que as ciências empíricas forneceria o conteúdo para a construção de um amplo sistema filosófico, que viria eventualmente a desempenhar o papel de uma *Weltanschauung*. Daí a importância da psicologia, que formaria um dos pilares da pretendida reforma, servindo de base para o desenvolvimento da ética e da metafísica.* Entendida, pois, nesse contexto mais amplo, a psicologia de Wundt ganha um sentido bem diferente daquele que os psicólogos costumam imaginar.

O segundo projeto psicológico de Wundt inicia-se oficialmente com a publicação de sua famosa “psicologia fisiológica” em 1874, ainda antes de sua chegada a Leipzig.** Nesse novo contexto, Wundt aprofundou as bases teórico-conceituais de seu sistema e desenvolveu algumas noções centrais para fundamentar a sua psicologia científica: o paralelismo psicofísico, a causalidade psíquica e a noção de experiência imediata. Esses três tópicos, que formam o âmago de *Über*

* Os textos fundamentais para a compreensão desse projeto são: Wundt, W. (1874). *Ueber die Aufgabe der Philosophie in der Gegenwart*. Leipzig: Engelmann; Wundt, W. (1876). *Über den Einfluss der Philosophie auf die Erfahrungswissenschaften*. Leipzig: Engelmann; Wundt, W. (1877). *Philosophy in Germany*. *Mind*, 2, 493-518; Wundt, W. (1880-1883). *Logik* (2 Vols.). Stuttgart: Enke; Wundt, W. (1886). *Ethik*. Stuttgart: Enke; Wundt, W. (1889). *System der Philosophie*. Leipzig: Engelmann.

** Wundt, W. (1874). *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Engelmann.

die Definition der Psychologie, vão permitir a Wundt recusar tanto o dualismo substancial quanto o materialismo, abrindo caminho para o seu dualismo epistemológico.

Ao definir a psicologia como ciência da experiência imediata, Wundt inaugurou uma nova maneira de demarcar as fronteiras da psicologia. Toda experiência, segundo ele, é marcada por uma alternância de perspectivas ou pontos de vista: ora o foco é no objeto, ora no sujeito. É essa perspectiva centrada no sujeito da experiência que constitui a especificidade da psicologia em relação às ciências da natureza (física, química, biologia etc.), que investigam o mundo dos objetos, fazendo abstração das características subjetivas do conhecimento. Mas é importante notar que essa distinção é meramente epistêmica, não ontológica. Assim, a diferença entre psicologia e ciência natural não decorreria de uma diferença essencial entre os objetos, mas sim de uma distinção entre os modos de olhar para a mesma experiência. Por isso, ambos os pontos de vista podem se complementar para fornecer um quadro mais completo da realidade, mas jamais podem ser reduzidos um ao outro. Cada um tem seu limite.

O princípio do paralelismo psicofísico afirma apenas que deve haver uma correspondência entre processos mentais e processos físicos. Mas há uma assimetria nesse paralelismo, pois nem todo processo físico é acompanhado de um processo psíquico. Por isso, o paralelismo deve sempre se restringir àquilo que pode ser constatado empiricamente, o que permite sempre novas descobertas de correspondência com o avanço da ciência. Contudo, esse avanço nunca poderá gerar uma substituição de um lado pelo outro, pois, uma vez mais, trata-se de duas formas de experiências fundamentalmente distintas e irreduzíveis.

Por fim, o princípio da causalidade psíquica foi introduzido por Wundt não só como complemento ao princípio do paralelismo, mas também para reforçar sua recusa do materialismo. Não se trata,

aqui, de ignorar a relevância da neurociência, mas sim de mostrar a insustentabilidade do materialismo como fundamento para a psicologia, seja na forma de uma identidade entre mente e cérebro, seja em termos de uma relação causal entre o físico e o mental. No primeiro caso, é a própria experiência que mostra que os eventos cerebrais são incomparáveis aos processos mentais, não podendo, pois, ser com eles identificados. No segundo, não há também nenhuma indicação empírica de como os processos cerebrais causam os psíquicos, ou como estes últimos emergem daqueles. Por isso, Wundt argumentou que a única forma de manter a ideia de causalidade, tanto na psicologia quanto nas ciências naturais, seria reconhecer a existência de dois tipos de causalidade: uma física e uma psíquica. Dessa forma, os fenômenos físicos seriam explicados pela primeira, enquanto os fenômenos psíquicos o seriam pela última. Assim, a irreducibilidade da psicologia estaria garantida.

Depois de ter desenvolvido as bases de sua psicologia individual, Wundt foi obrigado também a repensar o seu programa de uma psicologia dos povos como complemento à psicologia individual, que já tinha sido esboçado no primeiro projeto.* É esse trabalho de fundamentação da psicologia dos povos que *Enleitung* revela.

O ponto central nesse processo de fundamentação é o reconhecimento, por parte de Wundt, de um domínio de fenômenos psíquicos que escapam à esfera puramente individual. Em outras palavras, a mentalidade, para Wundt, teria uma dimensão coletiva, irreducível ao somatório das mentes individuais. Esses fenômenos psíquicos coletivos estariam cristalizados em produtos socioculturais, tais como a linguagem, os mitos e os costumes, que surgem da interação entre indivíduos, mas não podem ser atribuídos a nenhum indivíduo em especial.

* Em sua autobiografia, ele reconheceu como “pecados de juventude” aquelas suas ideias iniciais. Ver Wundt, W. (1920). *Erlebtes und Erkanntes* (p. 206). Stuttgart: Kröner.

Para mostrar a ligação entre a psicologia individual e a psicologia dos povos, Wundt procurou vincular os três domínios principais da última (linguagem, mito e costume) às três dimensões da primeira (representação, sentimento e vontade). Dessa forma, aqueles refletiriam as características marcantes dessas, mas em um nível mais alto, o nível supraindividual.

O projeto psicológico de Wundt previa a perfeita integração das duas psicologias em uma psicologia geral, de cunho mais abstrato, que ele nunca chegou a concretizar. Assim, a relação entre a psicologia individual e a psicologia dos povos permanece até hoje mal compreendida e pouco estudada.

Finalmente, cabe uma palavra sobre a atualidade do pensamento de Wundt. Vou me deter aqui em apenas três pontos. Primeiramente, observa-se em ambos os textos aqui traduzidos que o trabalho de fundamentação e demarcação da psicologia como ciência autônoma está imerso em uma profunda reflexão teórico-conceitual – com destaque para um constante diálogo com a filosofia –, que praticamente se perdeu a partir do século XX. Na grande maioria dos cursos de psicologia, o contato com a filosofia é, quando muito, caricatural. Dessa forma, o psicólogo contemporâneo perde de vista as dificuldades e os problemas teórico-conceituais envolvidos tanto na pesquisa quanto na prática profissional. Em segundo lugar, Wundt já havia observado que qualquer tentativa de redução da psicologia à fisiologia esbarraria em obstáculos lógicos e metodológicos intransponíveis. Nesse sentido, os debates atuais sobre a relação entre psicologia e neurociência, apesar das inovações tecnológicas proporcionadas pela última, acabam caindo, se não nos mesmos problemas, pelo menos em problemas similares, como se estivéssemos girando em círculo. Terceiro, a ideia de que a psicologia não deve se limitar à esfera individual, de que há uma dimensão supraindividual da vida mental, nos leva a refletir sobre os potenciais excessos do individua-

lismo na psicologia contemporânea. Enfim, os textos aqui traduzidos nos convidam, não a um retorno dogmático ao século XIX – uma espécie de transposição anacrônica da psicologia de Wundt para o século XXI –, mas, ao contrário, a um diálogo crítico com a tradição psicológica, que pode nos oferecer um rico horizonte de reflexão para nossos impasses contemporâneos.

Os textos

Os textos escolhidos para compor este volume fazem parte da obra da maturidade de Wundt, correspondendo ao seu segundo projeto de psicologia, conforme explicado na seção anterior. Naquela época, tal projeto já estava consolidado, não havendo, pois, nenhuma modificação essencial em seu pensamento posterior. Por isso, ambos os textos refletem a posição final de Wundt sobre a fundamentação da psicologia.

Über die Definition der Psychologie foi inicialmente escrito em 1895 e publicado como artigo em 1896.* No entanto, Wundt ainda não tinha alcançado aí a forma final de seu pensamento. Por isso, ao preparar os três volumes de *Kleine Schriften*,** compostos de artigos e ensaios publicados anteriormente, ele reescreveu vários de seus textos, dando a eles o caráter final de seu sistema. Esse é o caso do texto em questão, que foi reelaborado em 1910 e publicado em 1911, como segundo capítulo do segundo volume de *Kleine Schriften*. É esse texto de 1911 que traduzimos aqui.***

* Wundt, W. (1896). Ueber die Definition der Psychologie. *Philosophische Studien*, 12, 1-66.

** Wundt, W. (1910-1911). *Kleine Schriften* (Vols. 1-2). Leipzig: Engelmann; Wundt, W. (1921). *Kleine Schriften* (Vol. 3). Stuttgart: Enke.

*** Wundt, W. (1911). Über die Definition der Psychologie. In W. Wundt (Ed.), *Kleine Schriften* (Vol. 2, pp. 113-166). Leipzig: Engelmann.

Einleitung [zur Völkerpsychologie] foi publicado em 1900 como introdução geral ao primeiro volume do projeto de uma psicologia dos povos, ao qual Wundt dedicou especialmente os últimos 20 anos de sua vida. O projeto sofreu algumas modificações em sua estrutura, e sua forma final acabou contando com dez volumes.* Alguns deles tiveram mais de uma edição, como é o caso do primeiro, que contém o texto aqui traduzido, mas não houve alterações essenciais de conteúdo. Tendo em vista que os acréscimos posteriores foram feitos muito mais para responder a críticos, o que acabou gerando passagens desnecessariamente técnicas, optamos aqui por traduzir a versão original, mais didática, embora não menos representativa.**

Sobre a tradução

Traduzir Wundt não é tarefa das mais fáceis. Seu estilo é típico da alta cultura alemã do século XIX: longos parágrafos, com períodos igualmente longos intercalados por muitas orações subordinadas, algo bem distante do alemão contemporâneo, salvo raras exceções. A estrutura sintática é complexa e, não raro, impossível de ser vertida sem ajustes para o português. O vocabulário é altamente técnico, com termos oriundos da tradição filosófica e psicológica alemã – ainda que muitas vezes em sentido modificado –, o que exige do tradutor certa familiaridade com ele. Por fim, Wundt não é um autor muito didático, que usa vários exemplos para ilustrar seus argumentos. Ao contrário, em boa parte das vezes seu texto é árido e abstrato, exigindo do leitor constante atenção e reflexão.

* De acordo com o seu conteúdo, os volumes estão distribuídos da seguinte forma: linguagem (Vols. 1-2); arte (Vol. 3); mito e religião (Vols. 4-6); sociedade (Vols. 7-8); direito (Vol. 9); cultura e história (Vol. 10).

** Wundt, W. (1900). *Völkerpsychologie* (Vol. 1). Leipzig: Engelmann.

Tendo em vista essas particularidades e dificuldades, adotei aqui as seguintes estratégias. Em primeiro lugar, procurei respeitar, sempre que possível, a estrutura original do texto – com seus longos períodos intercalados por orações subordinadas –, desde que não se tornasse por demais estranha ao português contemporâneo. Em relação às seções e aos parágrafos, respeitei integralmente a divisão original de cada texto. As expressões em língua estrangeira (grego, latim e inglês) foram mantidas no original, assim como os títulos das obras citadas por Wundt ao longo do texto. As notas de rodapé, seja com referências bibliográficas, seja com comentários, foram reproduzidas tal como aparecem no original e estão indicadas por asterisco. Por fim, todos os itálicos foram preservados na tradução.

Dada a distância que nos separa tanto dos textos originais de Wundt quanto de seu contexto, pareceu-me necessário introduzir duas estratégias adicionais, com o intuito de auxiliar o leitor pouco familiarizado com eles. Em primeiro lugar, elaborei um glossário com os principais termos técnicos utilizados por Wundt, deixando claras minhas opções de tradução. Em segundo lugar, adicionei notas especiais (notas do tradutor) no fim de cada texto. Nos textos, elas encontram-se numeradas em arábico. Basicamente, essas notas visam a cinco objetivos específicos: 1. fornecer as referências bibliográficas completas das obras citadas originalmente no texto; 2. situar brevemente os autores mencionados por Wundt em seu contexto; 3. traduzir as expressões latinas e gregas utilizadas por Wundt; 4. esclarecer problemas específicos de tradução; 5. elucidar ideias centrais e passagens difíceis do texto. Não são notas feitas para especialistas, mas sim para o público em geral.

Ao final, espero ter sido o mais fiel possível, se não à letra, pelo menos ao espírito de Wundt. E ainda que todo tradutor seja, em algum grau, um traidor, espero que minha traição não tenha sido aqui imperdoável. Seja como for, tendo em vista que o público lusófono poderá finalmente entrar em contato com ideias centrais de um dos

principais responsáveis pelo desenvolvimento da psicologia científica – ainda que com mais de 100 anos de atraso –, ela está, a meu ver, ao menos justificada.

Gostaria de registrar aqui meus mais sinceros agradecimentos aos seguintes colegas que, seja em relação à introdução, seja em relação à tradução, seja em relação às notas, contribuíram para tornar o texto final mais consistente: Andrea Faggion (Universidade Estadual de Londrina), Francisco Portugal (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Luís Henrique Dreher (Universidade Federal de Juiz de Fora), Monalisa Lauro (Universidade Salgado de Oliveira), Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (Universidade Estadual de São Paulo) e Walter Pedra (Universidade de São Paulo).

Cronologia

- 1832** Nascimento de Wundt em Neckarau, perto de Mannheim, no dia 16 de agosto.
- 1851** Início dos estudos de Medicina na Universidade de Tübingen.
- 1852-1855** Finalização do curso de Medicina na Universidade de Heidelberg.
- 1853** Publicação do primeiro artigo científico (*Über den Kochsalzgehalt des Harns*).
- 1856** Doutorado em Medicina pela Universidade de Heidelberg.
Estágio pós-doutoral na Universidade de Berlim com Johannes Müller e Emil du-Bois Reymond.
- 1857** *Habilitation* na Universidade de Heidelberg.
Privatdozent na Faculdade de Medicina (Universidade de Heidelberg).
- 1858** Publicação do primeiro livro de fisiologia (*Die Lehre von der Muskelbewegung*).
Publicação do primeiro artigo psicológico (*Über den Gefühlssinn*).
- 1858-1865** Assistente de Hermann Helmholtz.
- 1862** Publicação do primeiro livro de psicologia, reunindo artigos publicados entre 1858 e 1862 (*Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung*).
- 1863** Publicação do primeiro tratado de psicologia (*Vorlesungen über die Menschen- und Thierseele*).
- 1866** Publicação da primeira obra filosófica (*Die physikalischen Axiome und ihre Beziehungen zum Causalprinzip*).

- 1866-1868** Membro do Parlamento de Baden.
- 1874** Professor de filosofia na Universidade de Zurique.
Primeira edição de sua psicologia fisiológica (*Grundzüge der physiologischen Psychologie*).
- 1875** Professor de filosofia na Universidade de Leipzig.
- 1879** Fundação do Laboratório de Psicologia Experimental.
- 1880** Publicação do primeiro volume de seu tratado lógico-metodológico (*Logik*).
- 1883** Publicação do segundo volume de *Logik*.
Fundação do periódico *Philosophische Studien*.
- 1886** Primeira edição de seu tratado ético-moral (*Ethik*).
- 1889** Primeira edição de seu sistema filosófico (*System der Philosophie*).
- 1896** Primeira edição de seu compêndio psicológico (*Grundriss der Psychologie*).
- 1900** Publicação do primeiro volume de sua psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*).
- 1908-1911** Sexta e última edição de sua psicologia fisiológica em três volumes.
- 1913** Texto em resposta ao “Manifesto” dos filósofos alemães contra a ocupação de cátedras de filosofia por psicólogos experimentais (*Die Psychologie im Kampf ums Dasein*).
- 1914** Discurso em defesa da Alemanha na Primeira Guerra Mundial (*Über den wahrhaften Krieg*).
Assinatura do “Manifesto” dos intelectuais alemães em defesa da Alemanha (*An die Kulturwelt!*).

- 1917** Aposentadoria.
- 1920** Publicação do décimo volume de sua psicologia dos povos e da sua autobiografia (*Erlebtes und Erkanntes*).
Falecimento em Großbothen, perto de Leipzig, no dia 31 de agosto.

I. Sobre a definição da psicologia (1911)

1. Definições conceituais mais antigas

Uma definição geral do que seja uma determinada ciência¹ costuma ser tanto menos considerada como um requisito indispensável – a ser cumprido antes de qualquer investigação – quanto maior é o consenso pormenorizado sobre os objetivos e os caminhos a serem perseguidos. A filologia, a jurisprudência, as ciências naturais e mesmo a matemática – que se esforça com cuidado especial para atingir a definição exata de seus conceitos particulares – ou renunciam completamente àquela ou contentam-se com uma definição qualquer, que seja suficiente para o propósito da divisão prática do trabalho.

Esse procedimento tem suas boas razões. Em primeiro lugar, as fronteiras reais dos domínios científicos particulares surgiram inicialmente a partir de motivos práticos, de forma que uma distinção válida para todo o sempre é não apenas difícil, mas também, algumas vezes, impossível. Em segundo lugar, porém, uma definição conceitual precisa já pressupõe em geral um conhecimento tão abrangente do objeto, que ela só pode ser dada com base na investigação detalhada dele; e, caso fosse exaustiva, deveria consistir em uma repetição dos resultados mais essenciais dessa investigação.

A situação é diferente em domínios nos quais há incerteza sobre as metas a serem atingidas e os métodos a serem utilizados já nas investigações individuais, e nos quais, por causa disso, existe uma diversidade de orientações que se torna decisiva para todo o conteúdo da ciência. Nesse caso, não apenas é compreensível, mas também desejável, que o ponto de vista assumido na avaliação dos problemas seja, acima de tudo, expresso em uma definição do objeto. Ao rol

desses domínios pertence, primeiramente, a filosofia; e na mesma situação dela encontram-se naturalmente todas aquelas disciplinas que são decisivamente influenciadas por correntes filosóficas.

No caso da psicologia – à qual não se pode hoje mais negar que esteja a caminho de se transformar em uma ciência positiva² autônoma, deixando de ser um ramo da filosofia –, esse período de transição revela-se por meio de uma característica particular: na mesma medida em que as correntes especulativas mais antigas atribuíam importância capital a uma definição básica, na psicologia empírica moderna tal definição foi substituída, na maior parte das vezes, ou pela análise da experiência subjetiva em geral ou por uma definição provisória, por analogia com as definições das ciências naturais.³ Locke,⁴ juntamente com a psicologia empírica inglesa alinhada a ele, adota a primeira perspectiva, ainda que a concepção de psicologia como teoria geral da experiência baseie-se na sua separação, aqui ainda inexistente, da teoria do conhecimento. Por outro lado, o ponto de vista da definição conceitual provisória prevalece predominantemente na nova psicologia experimental, em conexão com o sentido puramente prático-empírico que o termo “mente” aí adquiriu.⁵ Os processos psíquicos concretos – sensação, sentimento, representação, vontade etc. –, apreendidos já na experiência pré-científica em interconexão, são considerados aqui como o conteúdo do conceito empírico de mente, de modo que a psicologia começa então o trabalho de investigar esses “fatos da consciência”, que não podem ser definidos mais precisamente, mas que nos são conhecidos. É compreensível, pois, que obras chamadas de populares e propedêuticas procurem efetuar uma tal demarcação prática.*⁶

Se, por um lado, não se pode negar a legitimidade de tal ponto de vista, na medida em que sua lógica já vem sendo habitualmente

* Ver minhas *Vorlesungen über die Menschen- und Tierseele*, 5a ed., pp. 8 ss., assim como as considerações similares de Höffding, *Psychologie*, 2a ed., p. 1.

adotada nas demais ciências positivas, é preciso admitir, por outro lado, que a psicologia se encontra em uma situação peculiar, em razão de sua separação da filosofia recentemente ocorrida, mas ainda não plenamente reconhecida. Em parte, sua orientação científica positiva ainda permanece em conflito com as consequências e tentativas de renovação de velhos sistemas especulativos. No entanto, ainda em maior grau, certas crenças filosóficas exercem uma influência maior que a desejável mesmo sobre representantes daquela orientação positiva – uma consequência compreensível da conexão tão longa com a filosofia. Nas investigações de um físico ou fisiologista, na medida em que ele se restrinja à sua própria área, não é fácil notar quais seriam talvez suas convicções filosóficas. O psicólogo, ainda que prometa defender a bandeira empírica, raramente deixa de revelar, já nas primeiras páginas de sua obra, seu credo metafísico. Essas circunstâncias tornam desejável que se revele desde o início o próprio ponto de vista, mesmo para aquele que quer ver a psicologia livre de tais antecipações metafísicas. Pois, ainda que não se adote uma definição que antecipe os resultados, é sempre possível indicar o ponto de partida da investigação e o caminho a ser trilhado inicialmente. Uma definição conceitual *nesse* sentido, porém, torna-se então necessária quando são propostas orientações que definem seu ponto de partida de modo diferente e, como consequência, trilham caminhos diferentes.

Enquanto a psicologia reconheceu sua dependência direta de um sistema metafísico qualquer e se considerou como parte essencial dele, prevaleceu a ideia de que o seu *objeto* é que a diferenciaria das outras ciências empíricas. Os sistemas dualistas alinhados a Descartes,⁷ para os quais corpo e alma eram substâncias distintas, apenas exteriormente relacionadas, exigiam prontamente tal suposição. Com as definições diferenciais estabelecidas para a alma e o corpo, estavam dados imediatamente também os diferentes objetos com os quais a psicologia, de um lado, e as ciências naturais, de outro, deveriam se ocupar. Poder-se-ia achar impressionante que a monadologia leibni-

ziana,⁸ com suas numerosas tentativas de eliminar aquele dualismo, nada tenha modificado. No entanto, isso pode ser explicado pelo fato de que a doutrina da igualdade das substâncias por ela afirmada permitiu que pelo menos a ideia de que toda alma *individual* seria uma substância especial, diferente de outros seres reais, incluindo os de seu próprio corpo, continuasse a existir tranquilamente. Além disso, a diferença de *grau* postulada entre as almas e as demais substâncias, quando aplicada às questões psicológicas – nas quais as abstrações metafísicas tinham dificuldade de se manter –, transformou-se uma vez mais, involuntariamente, em uma diferença de *essência*. Assim, a psicologia é ainda hoje definida nos trabalhos psicológicos da escola herbartiana⁹ como uma ciência que se ocupa de um objeto completamente peculiar, de modo que sua separação de outras áreas que se ocupam de outros objetos é dada por si mesma. Quando os sistemas psicológicos dessa orientação afirmam que também eles partem da *experiência*, há aí no máximo uma modificação pouco significativa, pois eles começam apontando algumas características empiricamente dadas, para imediatamente reconhecê-las ou destacá-las como características de um objeto específico. Em Volkmann,¹⁰ por exemplo, lê-se que o problema da psicologia seria “a explicação dos fenômenos psíquicos, isto é, a redução das classes gerais dos *fenômenos puramente temporais do nosso mundo interior* aos eventos reais a eles subjacentes, e o estabelecimento de leis segundo as quais os primeiros surgem dos últimos”.^{*11} Aparentemente, *duas* características são aqui enumeradas como sendo peculiares aos fenômenos psíquicos. Em primeiro lugar, eles devem ser “puramente temporais”; segundo, eles devem pertencer ao “mundo interior”. Mas isso significa que eles não devem nem ocorrer com a participação dos sentidos externos nem estar relacionados a objetos externos. Nenhum juiz imparcial admitirá que essas características são empiricamente válidas. Obviamente, para se

* Volkmann, *Lehrbuch der Psychologie*, Vol. 1, 2a ed., p. 2.

poder afirmar que nossas representações seriam temporais, mas não espaciais, e que elas não teriam qualquer relação com as funções dos sentidos externos ou com os objetos do mundo exterior, é preciso estar habituado a considerá-las, à luz da teoria metafísica de Herbart, como “grandezas intensivas”.¹² Inegavelmente, pois, os supostos “eventos reais”, que deveriam ser descobertos apenas a partir dos fenômenos, transformaram-se nesses próprios fenômenos. Uma vez que esses “eventos reais” significam as “perturbações e autopreservações” da alma simples, torna-se suficientemente claro que a definição de Volkman nada mais é que o disfarce empírico de uma definição metafísica sobre a “essência da alma”.¹³

Contrariamente à psicologia espiritualista, a psicologia *materialista* tem a vantagem de renunciar à existência de uma substância anímica com propriedades e fenômenos específicos, completamente diferentes daqueles da natureza. Ela se restringe ao único objeto realmente dado à observação, o *corpo*, e considera também os fenômenos psíquicos como fenômenos corporais ou, pelo menos, como fenômenos que podem ser derivados das propriedades físicas de certos tecidos e órgãos, especialmente o cérebro e os órgãos sensoriais. Mas o poder de preconceitos metafísicos prevalece tanto aqui quanto lá. Em relação à questão fundamental, pouco importa se os processos psíquicos são vistos como perturbações e autopreservações da alma ou como movimentos de moléculas centrais, realizações de células cerebrais etc. Ambas as interpretações são apenas meios de esconder a realidade por trás de uma série de processos imaginários ou completamente distintos daquilo que deve realmente ser explicado; ao mesmo tempo, ao serem aplicadas, elas se transformam em milhares de ídolos,¹⁴ que atrapalham a apreensão imparcial das coisas. De fato, a esse destino está fadada a psicologia materialista de uma forma ainda pior do que a psicologia espiritualista. No caso de homens como Descartes, Leibniz ou Herbart, a convicção do valor próprio da vida mental havia pelo menos deixado em aberto a possibilidade de chegar a conhecimentos

mais profundos e a ideias mais fecundas. O materialismo, que reduz a psicologia à fisiologia cerebral, e no qual todo critério relativo a conexões e desenvolvimentos mentais desapareceu, em função da requerida aplicação de pontos de vista puramente físicos em geral, se mostrou então ineficiente nesse domínio. No entanto, uma vez que as sensações, os sentimentos e os afetos existem de fato – independentemente do que se possa pensar sobre sua origem – e só podem ser relacionados com processos fisiológicos por meio de conceitos auxiliares, tais como ‘autopercepção imprecisa’ e ‘função’, também aqui permanece basicamente a concepção segundo a qual o psíquico seria o modo de um objeto especial se manifestar. Só que agora esse objeto não é mais a alma material, mas sim o cérebro.

Essa concepção *objetual*, muito intimamente ligada ao predomínio de ideias metafísicas, foi abalada principalmente por Locke e a psicologia inglesa. Ao ver a investigação do *surgimento do conhecimento* como seu problema central, essa psicologia é ao mesmo tempo, porém, teoria do conhecimento. Além disso, em função dessa união, ela é predominantemente intelectualista.¹⁵ Finalmente, em seus representantes posteriores, ela considera a associação como o processo típico, a partir do qual todos os desenvolvimentos psíquicos devem ser deduzidos. No entanto, mais importante, talvez, do que todas essas particularidades é a concepção geral sobre a natureza dos eventos mentais que a psicologia inglesa defende. Segundo ela, esses eventos consistem no próprio processo da *experiência em geral*. As impressões dos sentidos externos e as percepções ligadas à autoapreensão – “sensation” e “reflection” na terminologia de Locke –, são de fato componentes dessa experiência, mas não conteúdos que deveriam alguma vez ser separados um do outro. Assim, as ideias da sensação e da reflexão formam o conteúdo dessa psicologia.¹⁶ É óbvio, então, que aqui não é mais o *objeto* que separa a psicologia da ciência natural, mas sim o *ponto de vista*. A ciência natural investiga os objetos da experiência em sua natureza objetiva real; a psicologia os considera

enquanto são experienciados por nós e em relação ao surgimento de tais experiências. Ainda que Locke não tenha defendido essa ideia diretamente, ela subjaz implicitamente a todas as suas discussões. É igualmente claro que a identificação da psicologia com a teoria do conhecimento tinha necessariamente que levar àquela ideia. De todos os nossos conhecimentos, aqueles que se relacionam com os objetos do mundo exterior desempenham um papel preponderante. Uma contraposição entre mundo interno e mundo externo no sentido de uma divisão territorial simultânea entre psicologia e ciência da natureza, tal como propõe a psicologia metafísica, é também aqui desde o início impossível. Naturalmente, Locke reconhece que a nossa experiência, no sentido psicológico, contém elementos que não relacionamos a objetos externos. Mas mesmo nesse caso, pelo menos uma parte pertence à sensação, a saber, o conteúdo das qualidades secundárias (cor, som etc.).

Embora uma distinção objetual entre psicologia e ciência da natureza nunca seja proposta nesses pressupostos da psicologia empírica e da teoria do conhecimento inglesas, o germe para tal distinção já estava presente na diferença estabelecida por Locke entre *sensation* e *reflection*. Contudo, para que aquela pudesse surgir, era necessário que esse germe fosse plantado em solo estrangeiro. De fato, na psicologia alemã do século XVIII, quando a teoria empirista do conhecimento de Locke encontrou as ideias da filosofia leibniziana, surgiu a oposição entre experiência “externa” e “interna”, que para nós ainda hoje é a expressão corrente da primeira distinção prática entre os fatos da ciência da natureza e os da psicologia, embora ela não tenha mais o mesmo significado que tinha para a psicologia da escola wolffiana.¹⁷ Segundo essa escola, aquelas duas formas de experiência correspondiam a *domínios completamente distintos da experiência*. Essa ideia encontrou sua mais forte expressão no conceito de “sentido interno”, que se contrapunha, como órgão da experiência interna, aos sentidos externos. Ao mesmo tempo, porém, foi dado ao sentido interno uma

posição privilegiada, quando se aceitou que ele estaria relacionado não apenas a objetos peculiares e específicos, mas também que as impressões dos sentidos externos tornar-se-iam objetos dele, na medida em que nos tornamos conscientes deles. De qualquer modo, alguns elementos da experiência eram atribuídos às características do sentido externo, enquanto outros, às características do sentido interno. Assim, ainda dentro do espírito dessa filosofia, Kant caracteriza o *espaço* como forma da intuição do sentido externo e o *tempo* como forma da intuição do sentido interno.¹⁸ Rapidamente, porém, seguindo a distinção leibniziana entre a autoconcepção interna das mônadas e suas interrelações externas, surgiu a tendência de conferir ao sentido interno – no que diz respeito à veracidade de suas declarações – uma vantagem em relação ao sentido externo. O primeiro deveria oferecer à observação uma realidade imediata; o último, apenas fenômenos que remetem a uma realidade diferente deles próprios. De modo especialmente enérgico, essa posição será posteriormente defendida por Beneke em sua psicologia.¹⁹ Nesse caso, experiência interna e externa desenvolveram-se em direção a uma oposição, que corresponde àquela entre ser e fenômeno. “Nós apreendemos nosso corpo próprio, assim como tudo o que é corporal, apenas por meio de impressões sobre os nossos sentidos; no caso da alma, apreendemos suas forças e desenvolvimentos como são em si mesmos”.²⁰ Assim, experiência externa e interna não são mais componentes distintos que se complementam, mas se tornaram *tipos* completamente diferentes de experiência. Ainda que se admita a possibilidade de o substrato metafísico dessas duas formas de experiência ser afinal um único e mesmo, isso é irrelevante para a relação entre as perspectivas da psicologia e da ciência da natureza. Aqui permanece a ideia de que elas são distintas porque seus *objetos* o são. Além disso, a psicologia do sentido interno revela as influências metafísicas sobre o seu desenvolvimento: aquelas “forças

* Beneke, *Lehrbuch der Psychologie*, 3a ed., p. 34.

e desenvolvimentos da alma”, que supostamente devem ser os conteúdos imediatos da percepção interna, são na realidade um conjunto de hipóteses e ficções do mesmo modo como o são as perturbações e autopreserções da psicologia herbartiana.

2. As principais orientações da nova psicologia

Em contraposição, pode-se agora caracterizar a tendência predominante de todas as novas orientações da psicologia: elas buscam como um todo retomar a posição empirista de Locke na definição da relação entre experiência externa e interna, e enfatizam a unidade originária de toda experiência de uma forma ainda mais definida do que foi possível no tempo de Locke – um efeito necessário da nova teoria crítica do conhecimento, para a qual, obviamente, as conceitualizações incompletas e os critérios ingênuos de verdade de Locke há muito deixaram de ser confiáveis. Quem se serve hoje das expressões experiência externa e interna não pretende com isso caracterizar, seja conteúdos de experiência absolutamente distintos, seja objetos de experiência diferentes, assim como também não pretende que “externo” e “interno” sejam tomados ao pé da letra. Ao contrário, considera que essas palavras e muitas outras adquiriram seu caráter ao longo do seu desenvolvimento semântico. Segundo este, “experiência interna” deve caracterizar o conteúdo empírico imediato da psicologia; e “experiência externa”, o conteúdo da ciência natural, sem que isso esteja ligado a qualquer afirmação sobre a origem, o sentido e a interação desses conteúdos de experiência. Nesse sentido, que não prejudica nenhuma orientação ou ideia psicológica, a expressão “experiência interna” é em todo caso inofensiva. Enquanto não tiver surgido outra que possa substituí-la, ela pode também ser indispensável.

Assim como no caso dessa utilização dos conceitos de experiência interna e externa, que serve exclusivamente aos propósitos